

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE II)
14 de Março de 2024

LA NOCHE DE ENFRENTÉ / 2012

Um Filme de Raul Ruiz

Realização: Raul Ruiz / Argumento: Raul Ruiz, baseado em novelas de Herman del Solar / Fotografia: Inti Briones / Música: Jorge Arriagada / Som: Roberto Espinoza / Montagem: Valeria Sarmient e Raul Ruiz / Intérpretes: Christian Vadim (Jean Giono), Sergio Hernandez (Don Celso Barra), Valentina Vargas (Nigilda), Chamila Rodriguez (Rosina), Santiago Figueroa (Don Celso em criança), Pedro Villagra (Long John Silver), Sergio Schmied (Beethoven), Pedro Vicuña (Antenor), Cristian Gajardo (Rolo Pedro), etc.

Produção: Margo Cinema – Suricato / Produtor: Christian Aspee / Cópia digital, colorida, falada em espanhol com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 112 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na impossibilidade de apresentar um texto original, traduzimos nesta folha algumas passagens da recensão de Guy Scarpetta publicada na revista Positif (número duplo 617-618, Julho/Agosto de 2012):

Não, o último filme de Raul Ruiz não é “testamentário”. Volta aos seus lugares de infância como se volta aos de um crime? Organiza a ficção como crónica de uma morte anunciada? Recapitula e condensa toda a linguagem cinematográfica anteriormente empregue? Sem dúvida, mas com leveza, rindo e brincando. Pequena respiração chilena antes de passar a outra coisa: era assim, ao menos, que Ruiz falava do filme. Tudo continuava *aberto*. Evitemos cair na armadilha, portanto. A morte interrompeu a obra de Ruiz, não a concluiu.

À partida, esta anedota, que lhe tinham contado: Giono, que detestava viajar, estaria no entanto pronto a deixar tudo para se mudar para a pequena cidade chilena de Antofagasta, simplesmente porque este nome o fascinava. Ruiz começou a imaginar que Giono (Christian Vadim, soberbo) chegou realmente ao porto de Antofagasta, que aí deu aulas de tradução de francês para espanhol a uma turma de adultos, e até de velhotes, a quem pedia que fechassem os olhos (tudo se passa no interior), enquanto citava Mallarmé. Mas é uma ucronia, uma outra virtualidade, um tempo paralelo: o “verdadeiro” Giono, em simultâneo, permaneceu em França, onde escreve e publica os seus romances.

Numa discussão com um dos seus alunos, Celso, o mais idoso, aparece esta ideia: o tempo não é uma sucessão linear, cronológica, mas há “bolinhas” de tempo, que se podem enfileirar e permutar como num colar.

O filme, definitivamente, não faz se não concretizar este motivo, eminentemente borgesiano (mas Cortázar e Fuentes não estão longe). Celso, o velhote, convoca no tempo presente aquele que era com 10 ou 12 anos (podem por vezes coexistir no mesmo plano, como as três idades de Marcel coexistiam num célebre plano de **Le Temps Retrouvé**). A criança, de resto, possuía também o estranho dom de fazer voltar ao presente figuras saídas da ficção (Long John Silver) ou do passado. É assim que Beethoven aparece no Chile dos anos 50; dirige uma orquestra (que fora a criança, ninguém ouve), atravessa um campo de futebol, e deixa-se mesmo levar ao cinema, onde se contenta em observar que as personagens são muito grandes, *bigger than life*. Acontecerá mesmo a Celso, tornado velho, ser projectado no futuro: mas é ele, desta vez, quem não vê nada dos edifícios modernos construídos na cidade da sua infância, por onde ele deambula.

(...) Não é o cinema, aqui, que “traduz” o registo fantástico, é antes o fantástico que procede do próprio. Porque se há um universo em que os indivíduos são sombras, espectros, projecções, e onde podem coexistir (como na fábula borgesiana do Jardim dos Caminhos que Bifurcam) espaços e tempos logicamente incompatíveis, esse universo é o do cinema.

(...) Daí, este paradoxo, desfazendo, como deve ser, as nossas certezas sobre o tempo: este último filme de Raul Ruiz é talvez, em definitivo, a melhor introdução ao conjunto da sua obra.